

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Murilo Sousa Oliveira

Os Trabalhadores Negros Presentes no Congado em Monte Carmelo

Uberlândia – MG

2015

Murilo Sousa Oliveira

Os Trabalhadores Negros Presentes no Congado em Monte Carmelo

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em História.

Orientadora: Profa Dra. Dilma Andrade de Paula

Uberlândia – MG

2015

Murilo Sousa Oliveira

Os Trabalhadores Negros Presentes no Congado em Monte Carmelo

Profa. Dra. Dilma Andrade de Paula (Orientadora)

Profa. Dra. Jorgetânia da Silva Ferreira (Examinadora)

Profa. Ms. Janaína Jácome dos Santos (Examinadora)

Data: 13/ 07/ 2015

Resultado:

Agradecimentos

Esta tarefa de agradecer é uma tarefa muito difícil, pois às vezes esquecemos de alguém que foi muito importante para minha formação acadêmica e pessoal. Mesmo sabendo que corro o risco de esquecer alguém especial, gostaria de registrar aqui meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram e me enriqueceram durante este trabalho e, de forma especial a minha vida.

Jamais poderia esquecer a presença de Deus que sempre esteve comigo me dando força e iluminando cada passo de minha vida. Obrigado meu Deus!

Agradeço aos meus avós, pais, primos e minha irmã. Mais especialmente meus tios padrinhos João e Marise por ter me acolhido de braços abertos em sua residência em Uberlândia, pois minha tia Marise foi praticamente minha segunda mãe pela sua preocupação durante toda a minha formação acadêmica.

À Professora Doutora Dilma Andrade de Paula por ter me acompanhado cada passo com este trabalho e por ter tido muita paciência durante todas as vezes que me perdi com minhas entrevistas. E também por ser uma grande conselheira.

Gostaria de agradecer a Professora Doutora Jorgetânia da Silva Ferreira por poder ter participado desta minha Defesa de Monografia e por ter sido uma grande professora de estágio em minha vida, além de ter sido minha coordenadora do Pibid.

Também gostaria de agradecer a professora Mestranda Janaína Jácome dos Santos, por estar também em Minha banca como examinadora e por ser uma grande professora dedicada a sua profissão.

À Casa Da Cultura de Monte Carmelo por ter me acolhido e recebido muito bem para a festa de Nossa Senhora do Rosário e principalmente por ter me cedido a oportunidade de realizar as entrevistas

Também gostaria de agradecer, a todos os membros do Congado que cederam um pouquinho de seu tempo para me relatar um pouco de sua história de vida.

E á todos os meus amigos e amigas companheiros de curso.

Resumo

O Objetivo deste trabalho é mostrar que os componentes presentes no Congado em Monte Carmelo não existem apenas no dia da festa. E sim este presente na sociedade durante todos os dias, contribuindo para seu desenvolvimento econômico e cultural. O trabalho esta dividido em dois Capítulos sendo que o primeiro abordar as dificuldades de emprego enfrentadas por esses trabalhadores e seus modos de vida, que são movidos pela sua fé a Nossa Senhora do Rosário. O segundo Capitulo analisa os Congos e suas formas de incentivo. Porém as pesquisas me levou a concluir que Monte Carmelo ainda é uma cidade presa ao coronelismo e que tem muita dificuldade para oferecer empregos a sua população.

Palavras- chave: Trabalho, congado e seus modos de vida.

Sumário

Introdução	-07
Capítulo I	-17
Capítulo II	-30
Conclusão	-40
Figura 1	42
Figura 2	43
Figura 3	44
Figura 4	44
Figura 5	45

Introdução

Este trabalho tem como objetivo mostrar os trabalhadores participantes do Congado em Monte Carmelo. Visa ainda demonstrar que os componentes de tal manifestação cultural não estão presentes apenas nos dias festivos, mas na sociedade, cotidianamente contribuindo para seu desenvolvimento cultural e econômico. O marco temporal inicial foi definido a partir das entrevistas realizadas com esses trabalhadores, a maioria ceramistas, domésticos e cozinheiros, formada por negros, que relataram a chegada ao município por volta da década de 1960.

Monte Carmelo é um município localizado no Alto Paranaíba, interior de Minas Gerais, com aproximadamente 47.666 habitantes - segundo os dados do IBGE de 2010, mencionados no site da Prefeitura da cidade. Consta que os primeiros habitantes vieram de Portugal, como as famílias Penas, Mundins e Rochas, vindos por volta de 1840, atraídos por informações recebidas pela existência de diamantes próximo a Bagagem (atualmente Estrela do Sul), uma cidade localizada a cerca de 30 KM de Monte Carmelo. Além dessas famílias foram chegando outras de outras regiões, como de São João Del Rei e Itapeçerica¹.

De acordo com o autor Airton Veloso de Matos, por causa do desconforto encontrado no local, decorrente do relevo montanhoso, as famílias foram se alojando em torno da fazenda de Dona Clara Chaves, pois ali havia água potável e terras de boa qualidade. Como a fazendeira era muito devota de Nossa Senhora do Carmo, existia uma capela perto de sua casa. Assim, conforme os imigrantes chegavam, o que se formava denominou-se arraial do Carmo, pertencente à Freguesia de Patrocínio.

Para melhor desenvolver o tema deste trabalho, escolhi os recursos da história oral, através de entrevistas com os capitães do Congado. – Listarei, ao final do trabalho, os entrevistados. – Entrevistas possibilitadas por meio de minha participação durante a festa do Congado, como observador. Pude ficar mais próximo de tais pessoas, testemunhando suas dificuldades financeiras e também constatando seus dilemas na vivência cotidiana em Monte Carmelo e nos seus empregos. Ou seja, busquei abarcar não somente o momento da festa, mas os enfrentamentos do dia a dia. Não foi uma tarefa fácil, pois a maioria dos trabalhadores que entrevistei não se dispôs a falar muito

¹MATOS, Airton Veloso de. *Monte Carmelo, Uma página das Gerais*. Monte Carmelo: Centro Editorial e Gráfico da UFG-CEGRAF, 2013. p. 25.

sobre suas experiências. Eu insisti no tema por considerá-lo importante e pouco tratado em trabalhos acadêmicos.

São raros os trabalhos sobre Monte Carmelo. Um dos primeiros autores a escrever sobre a cidade, de acordo com minhas pesquisas, é Airton Veloso de Matos cuja obra “Monte Carmelo uma página das Gerais” já foi anteriormente mencionada. Segundo o autor, foi com o intuito de realizar grande sonho que escreveu sobre a cidade que tanto ama. E assim teve a colaboração de muitos pioneiros para resgatar a memória carmelitana.

Segundo informações constantes da contracapa de sua supracitada obra, Airton Veloso de Matos nasceu na cidade São Romão/MG, em 1937. Apesar disso, foi criado em Monte Carmelo, iniciando seus estudos na Escola Estadual Melo Viana - uma das escolas mais antigas da cidade e a única cuja arquitetura antiga é ainda conservada. Finalizando seu colegial em Monte Carmelo, mudou-se para Uberaba em 1958, onde estudou Direito na Faculdade Uberabense. Em 1971 começou a graduação em História na Universidade Católica de Goiás (atual PUC) em Goiânia/GO para onde se mudou em 1967.

Pode-se dizer que Airton objetiva, por meio de seu livro, viajar com o leitor sobre os vagões do trem da História desta cidade e conhecer melhor como tudo começou e as dificuldades enfrentadas. Concomitantemente percebendo, através de seu trabalho, o quanto a política era fortemente expressa pelos coronéis durante o final do século XIX e começo do XX nesta cidade e região.

Como o intuito da monografia é focar os trabalhadores presentes no Congado em Monte Carmelo, importa citar que eles não são tratados nesse livro, e também não são citados em fontes referentes à cidade. É possível perceber, na leitura da obra em questão, que os coronéis foram mais contemplados. É esse também o enfoque do caderno de pesquisa² que tive acesso na Biblioteca Municipal de Monte Carmelo do autor Yermak Slywitic, também carmelitano.

Yermak Slywitic, nasceu em Monte Carmelo no dia 10 de abril de 1921. Mudou-se para Patrocínio e lá estudou seus três primeiros anos no primário, concluindo o curso básico na sua cidade natal. Em 1943 mudou-se para Belo Horizonte onde estudou Odontologia e Farmácia na Universidade de Minas Gerais, concluindo em 1945. Entre vários cargos importantes, foi Diretor da Escola Estadual Gregoriano Canedo em 1981.

²SLYWITCH, Yermak. *Monte Carmelo e sua História*. Monte Carmelo: Casa da Cultura.

Especificamente sobre os trabalhadores, destaco o livro de Antônio de Pádua Bosi intitulado “Os Sem Gabarito; Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/ 1980. Com outro olhar, diferente dos dois autores acima citados, Bosi, analisa a exploração de trabalho como o de domésticas, lavadeiras e ceramistas na cidade. É um trabalho de cunho acadêmico, sua dissertação de mestrado, realizada na Pontifícia Universidade Católica, de São Paulo, em 2000.

Antônio de Pádua Bosi formou-se em História na Universidade Federal de Uberlândia em 1993. Foi Diretor da UNE e membro do diretório estadual do PT/ MG. Entre várias outras funções, atuou como professor na UNIUBE, na Universidade de Uberaba, e também na Universidade Federal de Uberlândia em vários campi, como de Goiás e Catalão. Atualmente, Bosi é docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Bosi, com sua dissertação de mestrado, conforme o próprio título indica, tem como objetivo problematizar os significados das experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo durante as décadas de 1970 e 1980.

O trabalho de Bosi, principalmente, me auxiliou na pesquisa ao tratar desses sujeitos tão presentes na cidade, mas tão pouco considerados em trabalhos de História. Então, juntamente com minhas entrevistas, pretendo utilizar essa obra ao tratar da questão referente a quem são esses trabalhadores presentes no congado em Monte Carmelo, além de relatar suas condições de moradia - em bairros afastados da cidade.

Como pretendo tratar dos trabalhadores membros do Congado em Monte Carmelo, fui também buscar trabalhos que tivessem os congadeiros como foco. Percebi quantas maneiras diferentes existem de analisar e pensar sobre esses indivíduos, e como cada autor aborda suas manifestações, no dia da festa do congado e perante a sociedade. O primeiro trabalho sobre o Congado com o qual tive contato foi o de Yanglely Adriano Marinho e sua dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia; “*É uma Experiência Dos Pobres...Trajetórias De Trabalhadores Negros Na Cidade De Itumbiara-GO (1980-2010)*”.

Neste caminho, o objetivo foi colocar estas mesmas perspectivas no processo histórico em que se desenvolveram, dentro de disputas, consensos, negociações e contradições, procurando não ficar apenas na simples contestação de perspectivas que se querem únicas. Acompanhar de perto como estes trabalhadores negros vivem esta/nesta cidade em desigualdade de condições e a maneira como

lidam com um campo comum de possibilidades que vai se estabelecendo no social, contribuiu muito para a evidência de sujeitos vivendo suas culturas não apenas enquanto tradição e/ou folclore, mas enquanto modo de vida e modo de luta.³

O autor evidencia que sua intenção não foi abordar a história do congado em Itumbiara, mas investigar sobre os trabalhadores negros presentes em várias outras práticas sociais na cidade, mostrando suas dificuldades perante tantos problemas enfrentados. Assim, tendo o jornal publicado na cidade como principal fonte, buscou saber quem eram os representantes do congado. Através desse jornal, Marinho pesquisou para desenvolver seu trabalho e, ao mesmo tempo, o diálogo com eles, buscando saber quais seus empregos e suas funções, além das dificuldades enfrentadas por eles.

Como Marinho descreve em seu trabalho, muitos autores, ao pesquisar e desenvolver a temática do Congado, tentam relacionar a festa com seus rituais. Buscando ao mesmo tempo resposta à ancestralidade que tiveram, com sua identidade negra. O autor mostra que ficar preso ao passado não teria um resultado adequado para o desenvolvimento de seu trabalho e tenta investigar seus comportamentos perante às demandas do cotidiano e dificuldades ou disputas vividas naquela cidade.

Ao passo que Marinho estabelecia seu diálogo com esses trabalhadores em Itumbiara, ele foi percebendo suas dificuldades de moradia, decorrentes do fato de residirem várias famílias em uma só casa, tendo que dividir os mesmos espaços e resultando, dentre outras consequências, no fato de não restarem espaços para seus ensaios. Além disso, notou os problemas advindos de seus baixos salários, que obrigavam aposentados a trabalhar para conseguir bancar suas despesas. Sendo assim, acompanhar de perto a vida desses sujeitos fez com que ele tivesse uma bastante vívida experiência do cotidiano dessas pessoas.

Marinho, para melhor desenvolver seu trabalho, foi lendo e tendo acesso aos panfletos, jornais e periódicos, aumentando e enriquecendo seus dados e registros. Deste modo, através de seu trabalho, me ajudou a pensar nos procedimentos para a pesquisa realizada no dia seis de Outubro de 2013, quando acompanhei o congado de Monte Carmelo, tirando fotos e fazendo registros, deixando-me mais próximos deles, seguindo o exemplo de Marinho.

³MARINHO, Yanglely Adriano. *É uma Experiência Dos Pobres. Trajetória De Trabalhadores Negros na cidade de Itumbiara- GO (1980- 2010)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2011, p. 9.

Inicialmente, compareci à reunião realizada três dias antes da festa. Percebi, através dos diálogos internos, a devoção por parte dos membros do Congado, a Nossa Senhora do Rosário. A preocupação com a organização da festa no geral, com as roupas, sapatos, decorações, entre vários outros elementos importantes como questões relativas a cardápio e trajetos a serem percorridos.

Outro autor que ajudou a pensar nesses componentes voltados para a festa do congado é Jeremias Brasileiro, da cidade de Uberlândia/MG. Com a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, “*O ressoar dos tambores do Congado [manuscrito]: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955- 2011)*”⁴, o autor ajuda a pensar na tradição que cada membro carrega consigo durante as festas, e o quanto é forte o amor a Nossa Senhora do Rosário. Destaca também a importância dos depoimentos e experiências, como participar pessoalmente da festa do Congo desde criança.

Sandra Ramos De Oliveira, por sua vez, ajuda a refletir acerca da importância das letras cantadas ao longo da festa de congado com sua dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, cujo título é: “*Léxico, Cultura, Tradição E Modernidade- Um Retrato Sociolinguístico Do Congado Montes-Clareense*”.⁵

Oliveira objetiva em seu trabalho apresentar uma análise sobre inter-relação língua/ cultura/ sociedade, não como algo resolvido, mas sim como dinâmico, em constante mudança. Para essa autora, existem várias abordagens em diferentes correntes de pensamentos, principalmente quando se vai investigar os aspectos culturais de cada grupo, ou seja, de quais regiões esses membros vieram, já que existem grupos de congado em toda a região de Minas Gerais e cada membro tem uma cultura linguística diferente. Percebemos as diferentes culturas linguísticas quando esses grupos se misturam, sendo possível relacioná-las com a forma de agir desses congadeiros perante a sociedade.

Através da pesquisa sobre o Congado em Minas Gerais percebemos que há diferença nas datas das festas. É o caso de Monte Carmelo e Uberlândia, cujas festas acontecem em Outubro e em Agosto (no mesmo dia do

⁴BRASILEIRO, Jeremias. O ressoar dos tambores do Congado [manuscrito]: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955- 2011). Disponível em: http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4370. Acesso em 12/02/2014.

⁵ OLIVEIRA, Sandra Ramos de. Léxico, Cultura, Tradição E Modernidade- Um Retrato Sociolinguístico Do Congado Montes-Clareense. Disponível em: http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2569. Acesso em: 10/02/2014.

aniversário da cidade), respectivamente. Em Monte Carmelo a Justificativa para a escolha da data é que se trata do dia de Nossa Senhora do Rosário – valendo lembrar que não é ela a padroeira da cidade, mas Nossa Senhora do Carmo, por causa dos primeiros habitantes; os carmelitas, seus devotos, segundo Slywitch⁶.

Tal questão das datas me suscitou dúvida sobre o fato de haver ou não um dia específico para a sua comemoração ou se esta data histórica depende de cidade onde um grupo de Congado se reúne. Através das entrevistas, foi-me esclarecido que a festa é apenas no domingo seguinte ao aniversário da cidade.

Outra autora, Glaura Lucas, tem como objetivo em seu livro analisar os sons do Rosário de Jatobá, ou seja, estudar o congado através do som e seus instrumentos. Com o título, “*Os Sons Do Rosário O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*”, de São Paulo, do Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes, sua obra trata do congado em nas regiões do entorno de Belo Horizonte, portanto mais voltado para Minas Gerais. Aborda também as dificuldades que se tem ao entrevistar cada membro, pois defende que estes seriam tímidos e teriam medo de relatar suas experiências, se tornando cada vez mais difícil trabalhar com entrevistas. Aborda, ainda, a preocupação dos congadeiros com o uso do gravador, uma vez que tem ocorrido uma forma de comércio das filmagens e gravações, sem autorização dos mesmos.⁷

Sobre a história oral, Alessandro Portelli, com seus dois textos “*O que faz a história oral diferente*” e “*A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes oral*”, analisa o cuidado que o historiador deve ter ao trabalhar com tradução literal e sua importância para a história oral.

A história oral resgata pessoas que não são sequer lembradas em trabalhos acadêmicos. Através da teoria interpretativa buscamos suas origens e grupos aos quais seriam pertencentes. Portelli deixa que claro que fonte oral é uma fonte como outra qualquer, mas que muitos acadêmicos defendem que o documento real é o teipe gravado. Ainda assim, o autor ressalta que muitos trabalhos ficam para análise e somente os transcritos são publicados e recomenda o cuidado do historiador ao tratar de origens documentais.

Portanto, é através das fontes orais que percebemos o trabalhador negro no congado, com seus gestos e rituais. Tendo em vista que sem ele não existe congado,

⁶SLYWITCH, Yermak. *Monte Carmelo e sua História*. Monte Carmelo: Casa da Cultura. p. 17.

⁷LUCAS, Glaura. *Os Sons Do Rosário: O Congado Mineiro dos Artudos e Jatobá*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2002. p. 30-31.

além de ser ele o sujeito principal, ele é o responsável pelo desenvolvimento dessa cultura de origem africana.

Através das entrevistas e dos questionamentos entre os membros do Congado de Monte Carmelo, notei, em alguns casos, a dificuldade de falar de si mesmo, talvez devido à sensação experimentada por tais pessoas do medo de falar. O entrevistador, contudo, deve ter a cautela de analisar certos comportamentos na entrevista, como saber diferenciar os mais falantes, como José Generoso de Souza, e os mais reservados, caso da Senhora Verenice.

Portelli aponta que um dos principais elementos que tornam a história oral diferente é a maneira de ela ser desenvolvida. E ainda que ela nos relate menos sobre eventos que sobre significados, não nos deixa de mostrar que a história tem sua validade pelo fato de as próprias entrevistas mostrarem seu valor e características de um evento. Ao mesmo tempo as fontes orais nos vão contando o que o se pretendia fazer ou se deixou de fazer. Então, a partir daí, o historiador deve ter a prudência de analisar cada detalhe durante as falas na entrevista.

Portelli também chama a atenção para o cuidado que deverá ter o historiador com a fonte oral pois, muitas vezes, ela deve ser analisada para se tornar confiável, sobretudo quando se trabalha com testemunha e também quando se trata da esfera pública e política. É como o historiador amplia seus campos de pesquisa dentro da história oral.

O autor também chama a atenção para o cuidado que se deve ter com as narrativas, principalmente quando abordamos a percepção de um registro como “verdade”, se tornando relevante para a lenda, experiência pessoal e para a memória histórica. Deixa a entender que não há gêneros de história oral; quando vão transmitir suas informações históricas, quando as narrativas históricas poéticas e míticas se separam e misturam. O resultado disso é que a fronteira dentro no narrador é a mesma que toma seu lugar fora da narração, quando trata da questão individual e no que diz respeito à imaginação social de um determinado grupo.

Durante a entrevista com Generoso pude perceber, em sua fala, descrições de como era a cidade em sua época e as dificuldades enfrentadas, principalmente quando cita sua morada na casa do Padre César. - que sempre foi muito respeitado na cidade, como falam Verenice e Generoso nas entrevistas. A cidade possui, inclusive, uma escola com o nome dele. - Sua memória, contudo, muitas vezes se volta para as dificuldades enfrentadas, repetindo várias vezes sobre os trilhos de ferro, o mato das

ruas e a missão de limpeza advinda de seu emprego. Ao mesmo tempo, seguindo em sua confusa e talvez insegura fala, ele discorre sobre a morte de seu pai, que deixou a fazenda dele em seu nome.

Outro elemento importante é o fato do nome de Generoso ser conhecido por muitos na cidade, pelo seu apelido de Zé Coco, como ele mesmo relatou durante as entrevistas. Antes mesmo de entrevista-lo, eu já ouvira sobre ele, através da mãe de outro entrevistado, João Paulo, ao qual eu tive acesso primeiramente. Tal senhora, Dona Lúcia, descreve Generoso como um dos mais velhos capitães do Congado de Monte Carmelo. Apesar de ela mesma não participar do congado, já que é evangélica, Dona Lúcia respeita seu filho por ser membro do congado e não vê nenhum problema deles guardarem os equipamentos do conjunto, como o seu terno de Marinheiro, em sua casa.

Ainda durante a fala de Generoso na entrevista, como foi citado anteriormente, me veio em mente um trecho pelo qual Portelli desenvolve em seu trabalho sobre a memória, como maneira de criar significados e assim ajudar o historiador e pesquisador a analisar as habilidades e preservar aquela memória do passado que está forjada. Tornando, desta forma, o trabalho do pesquisador mais cauteloso devido à busca ao passado em suas narrativas e em seu contexto histórico.

No decorrer do trabalho, Portelli trata de um outro elemento importante, refletido nas entrevistas, que é o uso da fonte oral não objetiva, servindo para qualquer fonte. E ao mesmo tempo mostrando essas fontes escritas como uma hipótese para o pesquisador. Sendo assim, um texto instável não pode ser interpretado, pelo fato do conteúdo ser dependente dos entrevistados, ou seja, o decorrer da pesquisa depende da pessoa que está sendo pesquisada, embora os caminhos da pesquisa dependam do entrevistador.

Portelli também nos chama a atenção para a importância que devemos dar ao informante. Devemos ouvir tudo o que ele quer nos dizer e ter cautela ao separar as informações. Esse cuidado foi realizado para descrever as entrevistas utilizadas neste trabalho, principalmente com a fala de Generoso, pelo fato de não ser aconselhável realizar entrevistas com estruturas concretas, já que, de tal maneira, podemos perder elementos importantes. Porém é de enorme relevância deixar o entrevistador falar durante as entrevistas.

O primeiro requisito, por isso, é que o pesquisador “aceite” o informante e dê prioridade ao que ela ou ele deseje contar de referência ao que o pesquisador quer ouvir, reservando algumas

questões não respondidas para mais tarde ou para outra entrevista. A comunicação sempre funciona de ambos os lados.⁸

Antes de finalizar este trabalho, quero comentar sobre as análises de fontes o que traz o autor E. P. Thompson com seu livro “*A Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser, de 1981*” - obra de enorme importância para esse trabalho, pelo fato de falar do cuidado, ao analisar essas fontes anteriormente citadas aqui, como conhecimento do tema, “Os trabalhadores como congadeiros.”

Percebe-se que através de conceitos e hipóteses que vamos construindo o trabalho. Mas a teoria é igual ao diálogo, ambos os lados devem estar juntos, e o futuro deve estar sempre renovando nossas memórias, porque a história acaba.

No fim, nós também estaremos mortos, e nossas vidas estarão inertes nesse processo terminado, nossas intenções assimiladas a um acontecimento passado que nunca pretendemos que ocorresse. Podemos apenas esperar que os homens e mulheres do futuro se voltem para nós, afirmem e renovem nossos significados, e tornem nossa história inteligível dentro de seu próprio presente. Somente eles terão o poder de selecionar, entre os muitos significados oferecidos pelo nosso conturbado presente, e transmutar alguma parte de nosso processo em seu progresso.⁹

Aqui, Thompson aponta que a História não é uma fábrica. Ela não deve ser testada como faz um operário com uma peça. Contudo, deve-se reconstituir, entender, explicar e buscar sentidos para aquele determinado objeto. Como observamos nos trabalhadores entrevistados para este trabalho, ajudando o leitor a pensar o significado que se tem uma festa e seus trajetos durante a procissão, diante de conquistas e sofrimentos, consequências do passado e presentes em sua maneira de trabalhar. “Nosso objetivo é o conhecimento histórico; nossas hipóteses são apresentadas para explicar tal formação social particular no passado, tal sequência particular de causação.”¹⁰

É possível entender, a partir de Thompson, que as causas daquele determinado efeito são somas de valores diferentes que geram consequências, para chegar a um objetivo. Mas aquele determinado objeto vem a explicar a causa da prática vivida pela história, ou seja, ela é conduzida pelo homem e pelas ideias.

⁸ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. 1996 P.35.

⁹ THOMPSON, Edward Palmer. A Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p.53

A monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro, intitulado “O Município de Monte Carmelo modos de vida e de trabalho” trata de como os trabalhadores sobrevivem com o congado e seus modos de vida. O segundo, cujo título “Os participantes do Congado em Monte Carmelo” trata de como a sociedade é vista por eles e como o atual secretário de Cultura, a quem entrevistamos, interpreta a ação do poder público municipal, em consonância com as leis estaduais de incentivo à Cultura.

CAPITULO I

O Município de Monte Carmelo e os modos de vida e de trabalho

Pesquisando e analisando a cidade de Monte Carmelo, percebem-se através de Antônio de Pádua Bosi e Airton Veloso de Matos as diferentes historiografias e os diferentes pensamentos sobre a cidade. Para Matos, os trabalhadores em Monte Carmelo vieram sofrendo com um declínio na oferta de empregos durante os últimos anos. Através de minhas entrevistas, percebo esses mesmos acontecimentos em 2015. Para melhor explicar sobre a história da cidade e os modos de trabalho tratados neste trabalho, utilizei os livros de Matos e de Bosi, buscando saber como era a cidade no ano de 1972/ 2013 e durante as décadas de 1970/ 1980, respectivamente.

No ano de 1972 começa a expansão da agricultura, que se deu através da modernização conseguida através de programas especiais regionalizados de políticas públicas. O cerrado tornou-se um grande cenário para expansão da agricultura, protagonizada pelos grandes empresários rurais que avança para várias regiões como Mato Grosso e Minas Gerais. Monte Carmelo não ficou de fora.

A transição não se fez sem impactos socioeconômicos, fundiários, ambientais, iniciando-se pelo município de Patrocínio, passando por Monte Carmelo até Canápolis, ao longo da BR365, próximo à divisa de Minas com Goiás.¹¹

Com todo esse acontecimento, a cidade começou a desenvolver seu polo Industrial através da produção de telha, além do plantio de café, que foi um dos grandes campos de emprego na cidade.

O crescimento de Monte Carmelo passa a ser vertiginoso, tornando-se a cidade de grande envergadura nos contextos regional, estadual e nacional. Até então conhecida pela produção de telhas famosas, chegando a ser considerada a capital nacional da telha, passa também a ter reconhecida a excelência dos grãos de café, chegando a produzir, cerca de 500.000 sacas, segundo o informativo da Folha Rural COOXUPÉ de 15 de agosto de 1990 n.148. Tal fato envolveu grande mão de obra e movimentação no comércio.¹²

Bosi, por sua vez, trata do desenvolvimento da cidade de maneira diferente. Ele analisa as classes dominantes e sua influência no modo de vida dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, como já indica o próprio título *“Os “Sem Gabarito” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de*

¹¹ MATOS, Airton Veloso de. Monte Carmelo uma página das Gerais. 2013. p. 102.

¹² *Idem.*

1970/1980.”, reconhecer a diferença de classes que destacou diversos conflitos dentro de Monte Carmelo nas décadas de 1970 e 1980.

Sobretudo, referir-se a eles como sendo pessoas “sem gabarito” é reconhecer a diferença de classe que pontuou diversos conflitos em Monte Carmelo nas décadas de 1970 e 1980. Ser “sem gabarito” significou não pertencer e não compartilhar dos mesmos sentimentos que a burguesia, de não aceitar seu modo de vida, seus parâmetros morais (ou a ausência deles). Ser “sem gabarito” mostrou que se pode construir relações sociais baseadas na solidariedade e não na concorrência, que se pode organizar a vida social (como as creches) sobre outras bases que não sejam a burocracia, a centralização do poder de subordinação pessoal.¹³

Bosi, tendo suas entrevistas como principal ferramenta de análise, observou que o trabalhador rural da década de 1990 teve seu sindicato com sede própria e vida interna. Assim também se deu com as lavadeiras, responsáveis por fundar o Partido dos Trabalhadores (PT) na cidade. Pessoas como Dona Lia e Dona Alta, que foram as duas principais entrevistadas.

Para deixar mais claro ao leitor, Bosi trata de sete entrevistas em seu texto. Primeiramente, refere-se a Dona Odete, que tinha 54 anos de idade, era viúva, mãe de três filhos, e tinha por profissão o ofício de lavadeira. Não bastasse, era ainda militante do PT, do movimento dos negros e integrante das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desde final da década de 1970. Responsável também pela fundação da Associação das Colaboradoras Familiares, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais,. Mudou-se para Monte Carmelo em 1972, sendo, contudo, natural de Patos de Minas.

Outra senhora entrevistada por Bosi é Dona Lia. Então com 51 anos de idade, solteira, lavadeira e quitandeira, também militante do PT, filiada à Associação das Colaboradoras Familiares e participante da CEBs desde o início da década de 1980. Também como Lia, Dona Alta, Zé Diniz, Zé da Mata e Bernadete de 40 anos, também foram colaboradores de todas essas ações. Dona Lia e Dona Odete, mudaram-se para a cidade na década de 1970. Ambas eram trabalhadoras domésticas.

Bosi, ao entrevistar esses trabalhadores envolvidos com a militância política de esquerda (sindical e partidária), passou a tomar rumos diferentes em seu projeto de pesquisa, principalmente quanto às orientações teóricas, influenciadas por sua militância na cidade. Em suas ideias, portanto, percebe-se envolvimento político, uma vez que

¹³ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000. p.18.

Bosi e os entrevistados eram militantes no Partido dos Trabalhadores, PT. Bosi pesquisou Boletins Estatísticos do IBGE, Documentos Governamentais versados em Programas de Desenvolvimento Nacional e Regional, Relatórios de Obras Públicas Municipais e artigos do “Jornal Geral”, entre várias outros meio de pesquisa. Bosi, ao tratar das condições de vida desses trabalhadores, através de Dona Alta, analisa como é a história de vida deles em Monte Carmelo. Dona Alta se mudou de Bambuí/ MG para Monte Carmelo/ MG, em grande dificuldade econômica para tentar a sorte de uma boa vida devido à boa fama da cidade. Foi assim também com Dona Lia, que mudou de Pains/MG para Monte Carmelo/MG devido à forte propaganda de oferta de emprego na cidade durante na década de 1970, levando diversas famílias a mudarem para a cidade.

Havia uma forte propaganda visando a atrair mão-de-obra para a atividade agropecuária do município. Essas famílias, por exemplo, provavelmente tiveram suas viagens financiadas pelo futuro empregador, já que saíam com destino certo para Monte Carmelo: a fazenda do Sr. Argemiro, situada no arraial de São Félix (arraial de Monte Carmelo).¹⁴

De tal propaganda decorreu muita exploração de trabalho, como percebemos na leitura de Bosi. Diferente de Matos, que considera tal política como um marco importante para o desenvolvimento da cidade, Bosi analisa as entrevistas para estudar as condições de moradia dos trabalhadores que vivenciaram esse momento, sendo obrigados a morar em engenhos desativados até conseguir sua casa própria. Ao mesmo tempo, esses trabalhadores não obtinham muito sucesso nos empregos, pelo fato de a atividade econômica predominante ser a agricultura. As Indústrias de Cerâmica eram muito poucas e não podiam empregar todos os funcionários, uma vez que estes precisavam de experiência para saber manusear os fornos. Apesar disso, ocorriam muitas mudanças de pessoas da zona rural para a urbana. A cidade, contudo, não suportava tal crescimento, por falta de saneamento básico e postos de saúde.

Para pesquisar e analisar sobre a formação da cidade, Bosi, através de Dona Lia e Dona Alta, descreve como ela era dividida. A localidade onde moravam os trabalhadores, hoje o Bairro Vila Nova, não era muito mais que mato, ou seja, não se cuidava de tal lugar como se cuidava do Centro da cidade, onde moravam os empresários e os grandes fazendeiros.

¹⁴ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000. p.31.

Através da obra de Matos, percebemos que a economia de Monte Carmelo foi sustentada durante muito tempo pelo parque industrial ceramista. Porém, segundo Matos, à medida que as cerâmicas foram desenvolvendo seus lucros o objetivo foi investir na agricultura e pecuária, destacando, como Bosi a importância da agricultura.

Com a aceleração dos negócios, e as facilidades de comunicação, Matos descreve que no início do século XXI Monte Carmelo não conseguiu acompanhar o desenvolvimento tecnológico, principalmente para deslocamento de matéria prima, como argila entre vários outros elementos.

Devido a esses acontecimentos a cidade foi perdendo a concorrência que tivera ao longo dos anos 1990, devido ao grande número de cerâmicas no Triângulo Mineiro já equipada com as novas tecnologias. Notamos, através de minhas entrevistas e deste livro, que a cidade tem todo um contexto histórico de declínio econômico.

As transformações impostas pela globalização, por um lado trouxeram benefícios, conectando o município ao mundo definitivamente. Por outro, porém, fizeram com que a cidade de Monte Carmelo visse ruir por terra ou sofresse dificuldades, para manter ativas muitas instituições tradicionais, tanto no aspecto sociocultural quanto econômico, ao longo das últimas décadas.¹⁵

Muito interessante no livro de Matos, é que ele não analisa em momento algum a exploração do trabalho, como fez Bosi em seu livro, e muito menos as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. Da leitura do livro de Matos poderíamos depreender que a cidade não tinha muitas dificuldades, nem as tinham seus trabalhadores com exploração de trabalho.

Como a cidade era o lugar de exploração, o que se percebe em Bosi é que havia muitas famílias com crianças pequenas e o único recurso passível de melhorar a situação financeira era trabalhar em lavoura de café. Isto trouxe muito distanciamento entre as famílias, pelo fato de a mãe ter que madrugar para pegar o caminhão de boia-fria e só voltar para casa muito tarde. Ou ainda envolver-se com o trabalho doméstico que servia como exploração.

O trabalho de doméstica também aparece marcado por uma exploração sobre-humana. Dona Lia, que já foi trabalhadora

¹⁵ MATOS, Airton Veloso de. Monte Carmelo uma página das Gerais. 2013. p. 156.

doméstica, lembra-se da ausência de folgas e de direitos trabalhistas que defendessem a categoria.¹⁶

A cidade não estava preparada para receber esses trabalhadores, como é perceber através das entrevistas de Bosi, principalmente ao analisar o papel da prefeitura com nas migrações para a cidade, por não oferecer recursos básicos como postos de saúde e saneamento básico.

O cenário montado através da memória dos trabalhadores entrevistados apresenta uma cidade marcada, sobretudo, pela exploração do trabalho. Entretanto, examinando cuidadosamente o *Jornal Alerta Geral*, as representações dessa realidade ganham outros contornos. Em inúmeros artigos desse periódico, a exploração do trabalho cede lugar para as cores bem realçadas do crescimento econômico anotado a partir da década de 1970.¹⁷

Bosi, no decorrer de suas entrevistas, perguntou para os trabalhadores quais eram os problemas enfrentados pela sociedade. As respostas foram referentes à precariedade dos equipamentos, à grande jornada de trabalho e à falta de estrutura na cidade, como moradia saúde e educação. Existiam partidos políticos e sindicatos que representavam sua classe, no entanto, a maioria dos trabalhadores seguia votando nos partidos representados pelos patrões.

Outro elemento significativo na vida de tais pessoas era a religião, como notou Bosi durante as entrevista, enquanto Matos sequer trata do tema em seu trabalho. Tornou-se impossível para Bosi não tratar da religião que carregam desde a infância e que se reflete, em vários aspectos, durante as entrevistas por ele realizadas.

A presença do Padre César era muito importante para eles, pelo fato de ser ele quem tomou a responsabilidade de lutar contra as injustiças sociais, como Bosi analisa em seu trabalho, fortalecendo ainda mais o apoio da Igreja e estabelecendo um forte ponto de apoio para a socialização de centenas de trabalhadores em torno de um ideal de transformação da realidade vivida.

Como o autor abordou em seu livro, as doutrinas de núcleo socialista tiveram lugar na militância dos grupos de esquerda por muito tempo, e assim também ocorreu com a presença da Igreja na formação política desses trabalhadores na cidade de Monte Carmelo.

¹⁶ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000.p 47-48.

¹⁷ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000.p 54.

A presença da Igreja na organização dos trabalhadores, motivada por uma guinada política em nível continental, joga luz sobre as origens desse grupo militante em Monte Carmelo, mas não esclarece tudo, por exemplo, como ele permaneceu sem o apoio dos agentes religiosos após 1981.¹⁸

Bosi analisa esse processo como um assunto difícil de ser discutido, pois todos os componentes presentes no grupo, ressaltados como agentes religiosos, são discriminados pela pobreza e seu modo de vida social. Considerar todos esses aspectos é um dos principais elementos para entender o modo de vida desses trabalhadores e como eles se organizam diante das entidades criadas por eles mesmos, ajudando a pensar o que seria conscientização política na população de Monte Carmelo.

Outra característica que Bosi percebe com os entrevistados é a hierarquia presente dentro das reuniões. Os trabalhadores relataram suas dificuldades com certo receio, advindo das relações estabelecidas entre ricos e pobres, ou ainda, entre alfabetizados e analfabetos. Porém as reuniões tinham como objetivo tratar de assuntos referentes a direitos dos trabalhadores, como o desemprego, exploração de trabalho e o salário mínimo, destacados pelas missionárias.

Fica evidente que as missionárias tinham objetivos claros com a comunidade católica pobre da cidade, ou pelo menos a parcela que lhes foi possível agrupar e organizar. Partiam de uma noção em que o “povo” era “sujeito histórico” e, com efeito, portadores de “autonomia” para transformar sua realidade e mudar a situação de miséria, pobreza e injustiça social.¹⁹

Bosi retorna à experiência dos funcionários e questões como as creches que foram criadas pelas lavadeiras e as domésticas como uma das primeiras iniciativas da política como partido do PT, antes mesmo de buscar a sua oficialização enquanto entidade, no sentido de organizar as relações entre empregado e empregador. Porém existia uma enorme exigência por parte das patroas, como os baixos preços das malas de roupas para serem lavadas. Por outro lado, ocorriam muitas trocas de favores nessa relação da empregada com a patroa. Se a patroa fosse conhecida do empregado o preço da mala de roupa sairia mais baixo, por exemplo.

Na valorização desses trabalhadores como “sujeitos de sua própria história”, realizada por Dona Odete, percebe-se o quanto a ideia da Igreja Católica está enraizada

¹⁸ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000.p74.

¹⁹ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000. p77.

desde a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ocorrida em Medellin, no ano de 1968. O autor deixa claro que a Igreja, assim como a Comunidade Eclesial de Base do Bairro do Carmo CEB, adotou diversas vezes o discurso de tentar resolver os problemas desses trabalhadores, mas que este seria assunto das próprias autoridades da cidade.

[...]procurei discutir como os trabalhadores articularam interesses comuns, marcados pela aspiração à transformação da realidade. Diversos elementos compuseram-se numa conexão que definiu, entre Dona Odete e seus pares, uma visão crítica da sociedade em que vivem. O universo religioso materializado, principalmente no espaço da CEB, foi fundamental para isto.²⁰

Como foi possível notar até aqui, existem duas historiografias diferentes sobre Monte Carmelo. Contudo, tanto Matos quanto Bosi nos ajudam entender um pouco do motivo pelo qual tal sociedade é tão fechada para diálogo. Fato que pude constatar nas entrevistas que realizei no ano de 2014. Constatei ainda, em tais entrevistas, que de fato existem maneiras diferentes de olhar a cidade.

Para que pudesse observar mais de perto esses trabalhadores como os membros do Congado de Monte Carmelo, compareci à reunião realizada três dias antes da festa. Nesta ocasião pude perceber o carinho e o respeito que eles tem por Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Tal conclusão me foi possível através da apreciação do diálogo entre eles mesmos; a preocupação com a organização da festa no geral, com roupas, sapatos e decorações entre vários outros elementos importantes, como cardápio da festa e trajetos a serem percorridos.

O entrevistado Jean, professor de capoeira, relatou que participa do Congado desde criança e se sente muito feliz por poder fazer parte do movimento, junto à sua família. Jean é empregado pela prefeitura, então sempre realiza suas aulas nas escolas e em um cômodo ao lado da Casa da Cultura, para a comunidade. O mais interessante é quando ele comenta sobre a importância do Congado na vida dele como profissional, pois, segundo ele, além de estar dando uma aula diferente, ele tem alunos que entraram para o Congado ainda crianças devido às suas aulas de Capoeira, profissão que tanto ama.

João Paulo, o segundo entrevistado, entrou na vida dos congadeiros através de Jean, com suas aulas de capoeira. João Paulo é mecânico e garageiro, ou seja, trabalha

²⁰ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000.p100.

nas garagens em Monte Carmelo vendendo carro. Ele tem um enorme amor ao congado, porém, diferente de Jean, João Paulo é o único de sua família a pertencer ao Congado, uma vez que seus pais são evangélicos.

Conversando com Dona Lucia, mãe de João Paulo, sobre o filho pertencer ao congado, ela comentou que para ela não tem nenhum problema, mas que não se mistura aos congadeiros, por pertencer a outra religião. Relata que, apesar disso, deixa seu filho guardar todos os instrumentos em sua casa, como os tambores do conjunto Nossa Senhora de Fátima ao qual Jean e João Paulo pertencem.

Perguntando para Jean e João Paulo, sobre o que eles têm de conhecimento sobre a Festa Nossa Senhora do Rosário, origens e datas, eles me responderam que o fato mais comentado entre os grupos, seria de que os conjuntos de congados começaram com o surgimento da Igreja Nossa Senhora Do Rosário. Mas ressaltaram que, ao mesmo tempo, tem-se a história do surgimento ter se dado no Cruzeiro do Galo, localizado no Bairro Boa Vista, ao lado do Pronto Socorro da cidade. Aconselharam-me ainda a entrevistar José Generoso de Souza, pelo fato de ser ele um dos capitães mais antigos da cidade, além de ser mencionado no livro de Airton Veloso de Matos como um dos grandes homens que ajudou a construir a história da cidade.

A foto realizada pela Casa Da Cultura de Monte Carmelo, exposta no final deste trabalho como Figura 1, como se pode notar, nos mostra que o Cruzeiro do Galo é um dos pontos principais do cortejo, pelo qual devem obrigatoriamente passar antes de chegar na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Todos os ternos param para fazer a adoração a esse cruzeiro. Daí, concluímos sobre sua importância para essas pessoas e suas tradições.

José Generoso de Souza foi o terceiro a ser entrevistado, com 78 anos de idade, casado, com filhos, netos e bisnetos também envolvidos no Congado, pertence ao conjunto chamado Africano. Ele deixa transparecer em suas falas o respeito e o amor a Nossa Senhora Do Rosário, principalmente ao relatar, várias vezes, que a festa do congado existe na cidade há mais de cem anos, tendo começado com a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Para comentar sobre suas experiências ele optou por explicar, inicialmente, o seu apelido, Zé Coco. Disse ser decorrente do fato de trabalhar há anos quebrando coco em Castanha, um arraial próximo a Monte Carmelo e Abadia Dos Dourados.

Perguntando sobre sua origem, ele relata que seu avô era africano e trouxe o congado consigo “no sangue”. Chegando ao Brasil, foi morar em Castanha na onde

trabalhou anos quebrando coco. Ao mesmo tempo relata sobre sua mãe, índia que andava nua e passou a vestir roupas depois de anos. Relata ainda que começou a trabalhar com sete anos de idade e participa do Congado desde criança, no conjunto Africano, por influência de seu avô.

Outro emprego lembrado por Generoso é o primeiro, que também consta no livro de Matos: “Comecei a trabalhar na Olegário Maciel, capinando, quando vim para Monte Carmelo”. Conta também sobre suas dificuldades de moradia, decorrentes do fato de ter que ir morar na casa do Padre César, um padre muito rigoroso que existia na cidade. Aspecto tal da entrevista que me fez lembrar do trabalho de Bosi quando o autor trata, nas entrevistas, da dificuldade de moradia quando começaram a surgir os empregos na cidade, e disso o fato de muitos trabalhadores terem sido obrigados a morar em engenhos desativados até lhes ser possível construir seus próprios barracos.

Podemos perceber também, dentro do livro de Matos, através da citação abaixo, a vida de José Generoso narrada por esse autor.

Trabalhou quebrando coco na Castanha, na prefeitura de Monte Carmelo, fazendo capina de rua. Depois trabalhou no Hotel Pardo onde é o Hotel Avenida, foi engraxate, vendeu picolé, trabalhou em fazendas de cerâmicas. Mais tarde D. Judith Cardoso o levou para trabalhar do DER onde foi operário braçal por 37 anos, sendo lá homenageado por seus serviços prestados.²¹

A quarta pessoa entrevistada foi Verenice, esposa do capitão Anísio, que por sua vez não compareceu às entrevistas devido ao fato de trabalhar como guarda durante as noites. Verenice é uma senhora de Monte Carmelo, trabalha desde criança na cidade, trabalhou muitos anos como doméstica, não relatando com clareza onde, exceto algumas das casas, como a do Doutor João e depois a de Luciene. Posteriormente, trabalhou ainda como carpinteira. Hoje, Deise é aposentada e sempre viaja para a casa de seus familiares, lembrando sempre que foi uma mulher trabalhadora. Já Anísio, marido de Verenice, é de Araguari, foi para Monte Carmelo à procura de emprego. Participa do Congado desde criança, assim como a esposa.

Ao ser indagada sobre as roupas do conjunto, Verenice, bem como os outros entrevistados, não soube responder sobre o significado das cores. Perguntei ainda se existe alguma costureira entre eles. Ela respondeu que não, uma vez que é a Casa da Cultura quem manda confeccionar as roupas em uma empresa da cidade que também

²¹ MATOS, Airton Veloso de. Monte Carmelo uma página das Gerais. 2013. p.249.

fabrica uniformes escolares. Assim, as roupas de todos os membros do congado são confeccionadas.

Rodrigo, o quinto a ser entrevistado, é de Monte Carmelo e participa do Congado desde os nove anos de idade, juntamente com sua família, principalmente seus irmãos. Sempre trabalhou na Cerâmica Colina, que fica muito distante de sua residência. Apesar disso, afirma não gostar muito do trabalho, pelo fato de ser muito cansativo, principalmente devido a seu turno, de meia-noite às seis da manhã.

O que mais me chama a atenção na entrevista com Rodrigo é o fato de ele considerar essa indústria um dos piores serviços, mas não poder deixar o emprego por não ter outro disponível. Situação semelhante percebi na entrevista realizada com o filho de José Generoso, chamado Henrique Generoso, que adoeceu em decorrência do trabalho nos fornos. Bosi, em seu livro, comenta sobre a grande jornada de trabalho, pelos dados fornecidos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monte Carmelo.

Não obstante, em ambos os casos, a jornada de trabalho demonstrou-se extremamente extensa. Nas indústrias de cerâmica, a jornada semanal gira em torno de 55 horas, somadas 10 horas de trabalho diário em 5 horas do período inicial do sábado. Na colheita do café, chega-se a trabalhar 60 horas por semana, isto é, 12 horas diárias distribuídas em 5 dias. A isso, associa-se também a baixa densidade do capital constante e o alto índice do capital variável na composição da relação produção/ produtividade tanto na indústria quanto na lavadeira que, concretamente, nos revelam a importância da jornada de trabalho no dispositivo de manutenção da taxa de lucro nesses dois setores.²²

Henrique tem 50 anos de idade, participa do congado desde criança por influência de seu avô, que era um dos mais dedicados ao congado na cidade, como José Generoso também afirma. Começou a participar com cinco anos de idade, mas passou a realmente gostar aos doze. Nascido em Monte Carmelo, ele estudou até a quinta série do colegial, precisando abandonar os estudos para ajudar seus pais dentro de casa. Seu primeiro emprego foi como vendedor de picolé e verdura nas ruas. Depois começou a trabalhar na cerâmica durante a noite e também de dia, turno mais favorável, uma vez que, trabalhando durante o dia, tinha algumas horas para descansar.

Hoje Henrique não trabalha pois, como já mencionado, o trabalho em fornos de cerâmica o adoeceu. Ele teve uma queda dentro da indústria, o que agravou ainda mais

²² BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000.p.56.

o problema que já tinha na coluna. Além disso, adquiriu outros problemas devido ao calor do forno.

Tais situações nos possibilitam perceber o sacrifício de trabalhar nas cerâmicas na cidade, com muitas horas de trabalho pesado e pouca preocupação com os funcionários. Henrique comenta que o que os leva a trabalhar e seguir a tradição do congado é a fé em Nossa Do Rosário. O que sua filha, Patrícia, reafirma em sua entrevista. Observação de suma importância para o cerne deste trabalho e que me remete a um dos trechos do livro de Bosi, quando o autor trata da importância da fé para esses trabalhadores.

As vidas dos trabalhadores que entrevistei trazem a marca irrefutável da fé Católica e, por força da tradição, o discurso religioso que as ordenava esteve associado ao conformismo. Não é difícil imaginar a efetividade desse discurso, interpelando as pessoas desde o seu nascimento, apoiando nos rituais e nas simbologias, que conferem sentido à vida e às situações do cotidiano em geral. Nesse contexto, a fé torna-se um instrumento poderoso.²³

Também como Bosi trata em seu livro, percebo o quanto esses trabalhadores sofrem com a grande jornada de trabalho e as poucas contribuições das quais dispõem. Principalmente a luta de Henrique me chama atenção; doente devido à grande jornada de trabalho e à natureza deste trabalho no forno da cerâmica, queimando telha e tijolos. Ele vem tentando há anos se aposentar, sempre na esperança de sua carta de aposentadoria chegar. Bosi buscou mostrar aos trabalhadores, em seu trabalho, a exploração de trabalho na cidade de Monte Carmelo.

Mas, como busquei mostrar, para os trabalhadores entrevistados, a exploração sobre o trabalho é a principal marca que acompanha a concepção que eles constroem da cidade. Distante de se constituir como espaço de harmonia entre as classes, tal qual surge representando nos artigos, a cidade revela-se um campo em disputa.²⁴

Situação também refletida em minha entrevista realizada com Patrícia, filha de Henrique, que participa do Congado desde os cinco anos. Hoje com 30 anos de idade e desempregada. Sempre trabalhou como doméstica, mas é um emprego muito difícil de se conquistar, já que se precisa de uma pessoa de confiança para indicar um emprego. Sempre à procura de um novo serviço, Patrícia já deixou currículo em várias lojas e

²³ BOSI, Antônio de Pádua. Os “Sem Gabaritos” Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980. 2000. p 64.

²⁴ *Idem.* p.59.

supermercados, mas não consegue se empregar desde que terminou o terceiro ano do ensino médio. “Que eu tô percebendo é quando aparece, igual ali em cima já deixei três a quatro currículos, e ontem fui, tirei cópia e deixei mais, aí tá precisando tipo padrinho por indicação se tiver alguém lá indica para trabalhar.”²⁵

Como podemos notar, a cidade ainda está arraigada aos tempos antigos, o emprego é conquistado por indicações. Também Vitória, irmã de Patrícia, de 15 anos de idade, comentou que, quando consegue emprego, o pagamento é muito ruim e a jornada de trabalho muito extensa. Segundo ela, em Monte Carmelo trabalha-se durante seis horas como diarista em uma residência com uma remuneração de 80 reais o dia, sendo que em outras cidades pagam 100 reais. Perguntada se nas residências são oferecidos lanches ela responde que, às vezes, sim. Vitória estuda de manhã e trabalha à tarde, quando consegue emprego.

Chamou minha atenção, ainda, o fato de as crianças em torno de cinco anos de idade, caso das duas filhas de Patrícia, já participarem da festa de Nossa Senhora do Rosário, o que ao mesmo tempo mostra que a tradição é algo familiar e passa não apenas de geração em geração, mas também de família para família.

Por outro lado, percebe-se o desespero desses trabalhadores em decorrência do fechamento de cerâmicas na cidade por falta de matéria prima. Ainda que seja pesado o trabalho oferecido por esses lugares, a cidade não tem outras indústrias que gerem emprego, fazendo das cerâmicas a única opção de se estar empregado no setor industrial.

Esposa de José Generoso, Dona Elena entrou no Congado com sete anos de idade, e sempre participava da festa de Nossa Senhora do Rosário, nas barraquinhas. Ela segue esta tradição todos os anos, já que é muito devota de Nossa Senhora do Rosário. Trabalhava nas fazendas, sempre como cozinheira, seguindo na profissão depois que mudou para a cidade. O almoço do seu conjunto é feito por ela, sobretudo no dia da festa, quando tem sob sua responsabilidade todo o cardápio.

Quando entrevistei essas pessoas, comentando sobre a cidade, pude perceber, como descrevi anteriormente, a insatisfação de algumas delas, devido à baixa oferta de recursos e de empregos. Além disso, temos a questão do lazer, levantada quando se compara a cidade com outras, como Uberlândia. Como um dos alunos de Jean

²⁵ Depoimento gravado em 04/05/2015.

comentou sobre a cidade e festa do Congado de Uberlândia, que é muito mais bonita que a de Monte Carmelo.

E apesar de todos os problemas enfrentados, vejo, com a festa do congado, brilharem os olhos daqueles que estão participando do evento, sobretudo pelo fato de ser uma festa que vem ocorrendo há gerações, como o próprio José Generoso de Souza relatou em uma das primeiras falas das entrevistas. Em suas palavras; “Meu avô é descendente de congado então eu vem puxando ele aqui”.²⁶ Percebo que é uma festa religiosa de tradição de famílias antigas da cidade, como a de José Generoso.

Ainda quanto ao senhor José Generoso, chamou minha a atenção o fato dele receber a todos muito bem, principalmente no dia da festa, quando teve a presença do conjunto de Romaria. O conjunto almoçou em sua casa, com a alegria e o entusiasmo perceptíveis na Foto 2, em Anexo.

O mais interessante de entrevistar José Generoso de Souza, é quando ele deixa claro, no começo da entrevista, a existência de outros conjuntos na cidade, dando a entender ser o dele o mais antigo, já que não se lembra quem são os ternos anteriores do seu. O que poderia ser confirmado, caso se pesquisasse e comparasse a outros. Participando do almoço em sua casa no dia da festa no ano de 2013, percebi sua preocupação com a saída da Santa em procissão, pois os equipamentos para carregar a imagem ainda não estavam prontos e não tinham todas as peças do ramallete no momento.

Percebe-se, através do folheto de 2014 que a festa tem todo um cronograma de horário de saída e chegada a um determinado local. É preciso seguir este cronograma e estar atento.

Nesse primeiro capítulo, procurei investigar os modos de vida dos trabalhadores, as dificuldades encontradas na cidade e arredores, as difíceis jornadas de trabalho (quando existem) mas, ao mesmo tempo, como a participação no Congado é relatada com orgulho, com a percepção de ser uma festa ancestral, com forte componente religioso. Seguirei tratando um pouco mais sobre essa tradição do Congado na cidade e a sua dinâmica.

²⁶ Depoimento Gravado em 16/05/ 2014.

CAPÍTULO II

O Congado, os participantes e formas de incentivo

Através das entrevistas realizadas e acompanhamento da festa em 2013, percebi que todos os participantes de ternos do congado interagem naqueles momentos, mas convivem pouco cotidianamente. Encontram-se para conversar e matar a saudade apenas em momentos eventuais como o dia da festa de Nossa Senhora do Rosário. Porém, vejo que a festa, além de ser um momento religioso também contribui para poder fortalecer seus laços familiares.

As entrevistas que foram abordadas neste trabalho nos permitiram perceber que a festa acontece em Outubro, por ser o mês de Nossa Senhora do Rosário e também o do aniversário da cidade. Os trajetos dos grupos não são os mesmos, dependendo do interesse dos participantes em saber em qual local passar, ou seja, não existe uma tradição de locais a serem percorridos antes de chegar à Igreja Nossa Senhora do Rosário.

No dia da Festa a Casa da Cultura oferece o café da manhã e, em seguida, todos os ternos saem em procissão, passando pela Igreja Nossa Senhora de Fátima e, em seguida, vão todos os grupos almoçar na casa de seus capitães. Depois que almoçam, saem em direção ao Cruzeiro do Galo até chegar à Igreja Nossa Senhora do Rosário, sempre nesse ritmo. Porém, antes de tomar o café da manhã eles se encontram nas casas de seus capitães para chegarem juntos e abençoar a oferenda, como percebe-se na foto (Figura4).

Assim, entrevistando José Generoso de Souza que é um dos capitães mais antigos, como foi citado no Capítulo anterior, percebo que, ao longo dos anos, houve várias mudanças em seus modos de vida, à medida que a cidade foi crescendo e atraindo mais pessoas. Generoso me disse que, antigamente, ele, sua esposa, D. Elena e os demais, todos levantavam-se às 4 horas da manhã para estar às 6 horas na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Antes de se mudarem para a cidade, montavam suas barracas em torno da Igreja, e ficavam a semana toda para assistir a novena, com toda sua família.

Conversando com o secretário da Casa da Cultura, Álvaro José Gomes Oliveira²⁷ perguntei qual o interesse da prefeitura no Congado, ele me respondeu que esse acontecimento, que é a festa do Congado, é um inegável bem patrimonial mineiro,

²⁷ Entrevista com Álvaro José Gomes Oliveira, realizada no dia 04 de maio de 2015 na Casa da Cultura, em Monte Carmelo-MG.

tradição muito valorizada pela Casa da Cultura e pela Prefeitura. Além de apresentar a cultura afro-brasileira e sua história, traz criações culturais e religiosas, através de suas próprias características e evoluções. Ele considera que a manutenção dessa tradição, bem como de suas memórias, confere a essas pessoas uma identidade social, tanto como indivíduos, quanto como parte de uma coletividade que são suas formas de se inserirem na contemporaneidade. O secretário enfatizou que o interesse da Casa da Cultura é buscar a valorização do fator histórico e cultural, dos costumes dessa gente na cidade.

Sobre o incentivo fiscal²⁸, gira em torno de 15 mil reais, que é disponibilizado através das reuniões com os grupos de Congado, como os Africanos, Marinheiro e Moçambique, para administrarem suas demandas e prioridades. Os gastos são com instrumentos e vestuários, de acordo com o costume de cada grupo. Segundo o secretário, os investimentos são para a preservação e valorização de cada grupo, trazendo, dessa forma, o primeiro cortejo de congado na cidade de Monte Carmelo, fortalecendo um setor que permaneceu esquecido por administrações anteriores, pela falta de planejamento. Os recursos podem ser oferecidos pela própria Prefeitura, por meio do Fundo de Cultura, administrado pela Secretaria Estadual de Cultura.

Porém, deixou claro que esse recurso tem por finalidade financiar projetos para a preservação de bens imateriais, e materiais, como também a congada e folia de Reis, que são as duas principais festas culturais da cidade. Assim, a isenção fiscal permanece através da Lei Federal Rouanet (Lei 8.313/1991)²⁹, através de projetos que buscam captar o Imposto de Renda para Projetos Culturais.

Esta lei é uma Lei que restabelece inauguração da Lei n 7.505 de 2 de julho de 1986, que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências, como incentivar a formação artística e cultural, realizações de exposições, festivais de artes e cinemas entre vários outros meios de desenvolver e expandir a cultura. Dessa forma, ele vem tentando a cada ano aumentar a riqueza da festa dos congos. Assim, o Pronac, que é um programa implementado pela lei Rouanet (Lei 8.313/1991), que tem como objetivo incentivar a produção e acesso aos produtos culturais, protegendo e conservando o patrimônio histórico e artístico e realizando ao mesmo tempo a difusão da cultura brasileira com a diversidade das regiões estabelecidas pelo programa. Esse projeto tem como finalidade os seguintes mecanismos a serem seguidos: Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart),

²⁸ Incentivo estabelecido pela Lei Rouanet (Lei 8.313/1991).

²⁹ BRASIL. Lei n. 8.313 de 23 de dezembro de 1991.

fiscalizando o Fundo Nacional Da cultura (FNC). O primeiro de todos é o resultado da comunhão de recursos destinados à aplicação em projetos culturais e artísticos, de caráter comercial, com a contribuição dos investidores nos eventuais lucros que, no entanto, não foi implantado.

Sendo assim, com o Fundo Nacional Da Cultura, que tem como finalidade funcionar sem tempo determinado pelo fato de trabalhar sob as formas de apoio a fundo perdido ou de empréstimo reembolsáveis, vem ajudando a desenvolver vários projetos culturais com a finalidade de redistribuir verbas. Porém, os projetos desenvolvidos são analisados pela Comissão do Fundo Nacional da Cultura (CFNC), orientada pelo secretário executivo do Ministério da Cultura-Minc- e também com a participação dos secretários do Ministério e Presidentes das Instituições ligadas a vários setores como Funarte, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, entre várias outras entidades.

Este comportamento oriundo da Lei, também conhecido como renúncia fiscal, que é uma forma de incentivar as empresas privadas a dar apoio, e desenvolver a cultura e incentivar para conservar os patrimônios históricos e culturais, como também as festas, como a do Congado e Folia de Reis em Monte Carmelo. Nessa entrevista com o secretário vejo o quanto essas Leis são importantes, pois não tem como desenvolver um projeto sem analisar os recursos, e saber como vai aplicar aquela verba recebida.

Tratando do Incentivo Fiscal, os projetos a serem desenvolvidas devem ser apresentados entre os dias primeiro de Fevereiro ao dia trinta de Novembro, de cada ano no Sistema de Apoio as Leis que incentiva a Cultura, disponível ao site (www.cultura.gov.br). Porém, deixa a entender que o projeto deve ser bem elaborado.

Procurando pesquisar o que é o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural (Monumenta), como também citado pelo secretário, em um pequeno texto encontrado na Internet “Fundo Municipal De Preservação Do Patrimônio Histórico e Cultural”³⁰ que é outra lei indicada nas entrevistas. Instrumento criado pelo Monumenta, que é realizado dentro dos parâmetros da Lei Federal n 4.320/64 que organiza os fundos especiais.

³⁰ GUIMARÃES, Edelfina Aparecida. MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. MACHADO, Marília Palhares. (Orgs). Fundo Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural: Importância, Criação e Gestão. Governo de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/wp-content/themes/achmg/files/Cartilha%20FUMPAC.pdf>. Acesso em: 25/06/2015.

Este projeto tem como iniciativa incentivar os municípios a desenvolverem e preservar seus patrimônios históricos, conservando seus projetos, dentro deles, além de desenvolver outros. Porém, também é um programa que beneficia várias várias culturas, com objetivo de aliar a projetos que preserva os patrimônios urbanos das cidades que são consideradas históricas brasileiras, como a cidade de Mariana-MG, com sua proteção federal com seu desenvolvimento econômico e social, somando com o financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento –BID- e apoio técnico da UNESCO, órgão da Organização das Nações Unidas para a Cultura.

O Monumenta/IPhan além de preservar o patrimônio histórico tem como objetivo também conservar as artes e aumentar os conhecimentos da população a respeito da importância do Patrimônio Cultural e sua importância para a sociedade, além de estimular a utilização econômica, social e cultural nas áreas que estão em recuperação. Porém, este programa não só conserva e restaura os monumentos e espaços públicos como também disponibiliza financiamento, para a recuperação de imóveis particulares, como apoia projetos de educação patrimonial, com capacitação e formação de mão- de- obra incentivando as rendas nas localidades.

O texto anteriormente citado também destaca a importância de estimular ações compartilhadas que envolvem o governo de todas as esferas, como também a comunidade e a iniciativa privada. O Fundo Municipal De Preservação Do Patrimônio Histórico e Cultural foi uma forma de estimular e desenvolver várias ações de preservação cultural. Existem vários outros processos, como também tem o grupo conselheiro curador, cuja função é representar as três esferas: governo- Federal, Estadual e Municipal e sociedade civil, que são detalhados na Lei e no Decreto que institui o Fundo. O prefeito da cidade escolhe o representante e o gestor de fundo, que será o representante do município, nomeado pelo prefeito, como também é o responsável de organizar e realizar os acontecimentos que o conselho escolheu e chegou no acordo com o plano de ação.

Dentro do mesmo processo, importante destacar que a administração pública tem por dever garantir a ampla divulgação do Processo de formação do conselho Curador, o qual tem como objetivo favorecer a participação da sociedade e assegurar que todos os setores possam apontar os seus representantes de acordo com a Lei e o Decreto do Fundo. Sendo assim, os representantes do poder público e o representante da sociedade civil repassam as atividades ao conselho para que ele escolha um de seus membros para presidi-lo, em mandato de dois anos, sendo proibida a reeleição, deixando a escolha

recair de forma alternada entre os representantes dos dois setores como público e privado.

Depois que é passado ao conselheiro ele tem por finalidade garantir e estabelecer as diretrizes e as formas de distribuição de todos os recursos do Funpatri como obrigatório através da política nacional de preservação do patrimônio cultural. Além de acompanhar e avaliar as atividades dos recursos e desempenhos realizados, como também avaliar e aprovar os recursos anuais do FUNPATRI dentre varias outras funções.

Outro fator importante que deve ser destacado nesse texto é o Plano de Ação e Plano de Aplicação. O plano de ação é elaborado através da organização de ideias como é estabelecido pela lei e o estabelecimento de prioridades, depois que o dinheiro é passado ao conselheiro ele definira as ações que serão realizadas com o Fundo. Porém dentro do plano de ação esse dinheiro será listado na ordem em que ele deverá ser realizado como se percebe no texto.

Já o plano de aplicação tem por finalidade distribuir recursos, e o gestor será o responsável de registrar toda a entrada de recursos como estabelece o programa e analisar de como esse recurso deve ser gasto, seguindo o plano de ação elaborado pelo conselho. Porém, outro elemento levantado no texto é de onde que saem as fontes de recursos que compõem o Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural: como os recursos obrigatórios, possíveis e alternativos que dependem de Legislação específica do município.

No recurso obrigatório, o programa exige que o executivo Municipal deve retirar do orçamento cada ano de dotação destinado ao Fundo Municipal de Preservação, como pagamentos de financiamentos para recuperação de imóveis privados que estão ligados ao Programa Monumenta também integrado ao FUNPATRI. Como também os recursos possíveis que são destinados a alugueis, além do alternativo que depende da legislação específica do município para melhoria e preservação como foi citado por Álvaro Jose Gomes na entrevista, quando trata da Lei Federal sobre os recursos vindos de contribuição na melhoria na área protegida, como os instrumentos urbanísticos definidos no plano Diretor da cidade de acordo com o Estatuto da cidade Lei Federal n 10.257/2001).

Os recursos que são destinados do FUNPATRI são para a preservação do Patrimônio cultural, como também destaca-se que o controle da fiscalização desses recursos segue o mesmo caminho que outros recursos públicos. Sendo assim é

importante acompanhar as ações do FUNPATRI, pois seu envolvimento com a população é de enorme importância

Então, perguntei ao Secretário da Cultura se a sociedade colabora com a festa e se os grupos interagem. Ele respondeu que a sociedade sempre está interligada nas manifestações culturais, pois é uma tradição que compõem sua história. Porém sempre é participativa e construtiva, na sua composição a sociedade sempre deve apreço por suas raízes., Essa interação é maior em comunidades mais próximas aos grupos de congados, familiares e comercial local.

A Casa De Cultura de Monte Carmelo através da interação entre a tradição popular e religiosa criou o elo de comunicação entre a religião Católica para aproximar estes grupos que muitas das vezes não tinham liberdade de expressão dentro da própria manifestação cultural religiosa. Esta valoriza e aproximação possibilita o fortalecimento e apoio as suas permanências cultural.³¹

Depois das entrevistas, ele me indicou um texto anônimo que estava no computador da Casa Da Cultura de Monte Carmelo, que narra a história do Congado em Monte Carmelo, cujas informações reproduzo a seguir, por não encontrar outras fontes que indiquem essas informações.

O texto narra a história do Congado desde o ano de 1887, quando foi construída a primeira Igrejinha de Nossa Senhora Do Rosário em Monte Carmelo com pau-apique. Construída por descendentes de escravos negros que foram os primeiros membros do Congado na cidade. A partir desses acontecimentos não podemos precisar a data exata da prática do congado em Monte Carmelo, pois antes de existir essa capela, os congadeiros se reuniam e dançavam nas fazendas vizinhas, como está escrito no texto anônimo. Lembrando a entrevista com José Generoso de Souza relatando que sempre existiu ternos de congos na cidade, mas ele não sabe narrar como isso tudo começou.

Em 1930 foi construída a atual Igreja Nossa Senhora do Rosário como está no texto anônimo, substituindo a capelinha na onde é comemorada a Festa hoje. Porém o autor anônimo relata que este folclore carmelitano começou a existir sob a liderança do Capitão Jerônimo Dias Soares, muito devoto de Nossa Senhora do Rosário, Padroeira de todos os ternos de Congado, principalmente o Congo Africano de José Generoso Souza, que era administrado antes pelo capitão Cristóvão Martins dos Santos e o

³¹ Entrevista com Álvaro José Gomes Oliveira, realizada no dia 04 de maio de 2015 na Casa da Cultura, em Monte Carmelo-MG.

Capitão Vicente Dornelas de Oliveira que ao falecer passou o Cargo para o senhor José dos Santos, sendo assim as roupas são calça e camisa verdes ornamentadas com fitas brancas, boné verde tênis branco. A outra maneira de vestir é calças brancas, camisas cor de rosa. Tênis branco e as fitas são de cores variadas.

A cerimônia começa na medida em que o capitão puxa o canto e a música afinada em duetos é acompanhada de sanfona, violão, pandeiro e surdo. O maestro é a voz de comando para efetuar o mastro, cujo símbolo de força maior é a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, com forma triangular com a imagem da Santa no Centro.

Outro terno que existe é o Congado Moçambique Nossa Senhora de Fátima, que hoje é comandado pelo Senhor José Carlos de Sousa e do Capitão Esmeraldo Ronan Silva. Sendo assim as roupas dos ternos são todas coloridas como o autor anônimo do texto narra. Congados –CNPJ -23.095.128/001, que é a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte Carmelo. Porém bem antes de construir a capela de Nossa Senhora do Rosário na cidade percebe-se que já existia na cidade os congos, como é citado no texto e nas falas de José Generoso de Souza na entrevista.

Nesse trabalho, o congado aparece como parte do “folclore” originado na cultura popular brasileira. Dessa forma, o congado seria o resultado de diversas tradições diferentes, predominando as origens europeias com influências indígenas e negras. Assim como Antonio de Pádua Bosi tratou em seu livro “Os “Sem Gabaritos”: Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980”, esse trabalho também aborda a importância da Religião Católica para os participantes do congado. Porém, ele também destaca, juntamente com a importância da Igreja Católica para o congado, a valorização da mesma pelos trabalhadores.

A Igreja teve uma enorme importância para essa cultura, juntamente com a dança dos congos trazidas pelos escravos negros africanos. Os instrumentos, como os tambores desses ternos de Congado em Monte Carmelo, vão para as ruas todo mês de Outubro, por ser o mês dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Existe a lenda de que a Santa teria chegado num navio às praias brasileiras e muitos homens teriam tentado retirá-la do barco e descê-la até a terra. Porém ninguém teria conseguido, exceto os Negros do Rosário, que teriam começado a bater seus tambores e atabaques, fazendo com que a Virgem aceitasse a descer até a terra.

Como é possível perceber no texto, a Santa é muito querida pelos negros presentes no congado, ou seja, esses trabalhadores a reconhecem, demonstrando o

resultado de uma estrutura matriarcal de vários povos negros. Dessa forma, a rainha é de enorme importância para esses ternos, pois além de simbolizar o poder também simboliza o sentido da vida, e como muitos deles abandonaram seus deuses da África, acabaram adotando a Nossa Senhora do Rosário como sua rainha.

Como se percebe no dia da festa não existe apenas a devoção à Nossa Senhora do Rosário. Os congadeiros lembram também de nomes como a Mãe de Cristo-Conceição, Aparecida, Boa viagem, entre outros. Porém, os nomes mais fortes na cidade no dia festa são o São Benedito e São Francisco que propagam a reza dos Santos Pretos. Esses santos são os homenageados com cantos, cada grupo dentro de seu estilo tradicional com seus membros usando roupagem e toques diferentes.

Apresentam-se famílias de várias origens diferentes como, por exemplo, os caboclinhos, com cocares que possuem penas que lembram os índios, catopés muito parecidos com eles, mas com ritmo musical mais lento e os marujos conhecidos como os marinheiros vestidos sempre com roupagem branca e azul como se percebe na foto (Figura 5), realizada pela casa da Cultura.

Os Congos trajam roupas diversas de acordo com cada região, e isso influencia muito em seus ritmos, como o de Moçambique, que é o mais forte e é o destaque nas famílias congadeiras. A guarda real é a principal de Nossa Senhora do Rosário, os grupos existem desde o século XIX na cidade, e um dos principais lugares para se louvar além da Igreja é o Cruzeiro do Galo.

O início de Louvor começava antes no cruzeiro do Galo, que era localizado na Praça da Matriz. Posteriormente o cruzeiro do Galo foi transportado para o bairro Boa Vista, conhecido por muitos como Alto do Lobo. Anteriormente a festa era realizada na capela construída pela comunidade do Senhor Romualdo Resende e a Senhora Maria da Abadia Resende, em um terreno em frente à casa do doador onde é atualmente a Praça Nossa Senhora do Rosário.

Quando a cidade ainda era um arraial, por volta de 1890, os escravos usavam um tronco com um galo de madeira na ponta, na Praça da Matriz onde foi construída a primeira capela em Louvor a Nossa Senhora do Carmo. A capela foi construída com o objetivo de todos os ternos poderem realizar suas cerimônias, fazendo pedidos de chuva, levando flores aos pés do Cruzeiro do Galo, cantando e dançando ao mesmo tempo.

O almoço no dia da festa, em 06 de Outubro de 2013, foi realizado na casa de cada capitão para os seus ternos, e cada família ficava responsável pela realização do almoço. Almoçando em uma das residências dos ternos, além de ter visitado as outras

duas casa no horário o almoço, foi possível perceber a alegria e a satisfação que eles têm nesse encontro, além da preocupação com o cardápio. Além disso, notava-se também que as escolhas de cardápio são muito parecidas, o tutu e a galinhada eram muito bem aceitos nas residências, e a fartura era comum a todas. Mas quem preparava as listas eram as próprias cozinheiras, que encaminhava as mesmas para a Casa Da Cultura com o prazo de três dias antes da festa, para que Casa comprasse os alimentos, como aconteceu na reunião em que participei no dia 03 de Outubro de 2013, na qual eles entregaram a lista.

A organização dessa grande festa é realizada entre os membros do Congado, em conjunto com a Casa Da Cultura. Ou seja, esses trabalhadores realizam a festa com a parceria da Casa Da Cultura, que financia parcialmente o evento, pois com o financiamento eles podem comprar mais equipamentos e investir na festa, e também enriquecer os trajes e tambores para o evento. Porém, quando o financiamento não é suficiente, as verbas saem de suas próprias criatividade; lembrando que a festa é uma festa realizada sem o apoio da sociedade local e sim apenas com o da Casa Da Cultura.

No dia da festa pude ter a oportunidade de ver a visita do Congado da cidade de Romaria, no entanto percebi a falta de interação com o grupo da cidade vizinha. Ou seja, não havia interação entre os próprios membros, pois Generoso os recebeu de forma hospitaleira em sua residência para o almoço, mas havia diálogo entre eles, o que me deixou curioso. É importante destacar que muitos dos congadeiros de Romaria almoçaram sentados nas calçadas da rua, enquanto que os do terno de Generoso se alimentavam dentro de sua residência, mesmo com a falta de espaço.

Assim conversando com Denise do Congado de Romaria, percebe-se a diferença do Congado entre as cidades. Notando que seu terno era muito mais numeroso que os de Monte Carmelo, perguntei como eles conseguiam manter tantas pessoas engajadas na festa, ela respondeu relatando que a Prefeitura oferece bastante ajuda. O Prefeito de Romaria banca todos os gastos deles com a festa, inclusive as viagens para as cidades vizinhas. Sendo assim, ela me informou que onde tem Festa do Congado o prefeito organiza e financia tudo, inclusive transporte.

As roupas do congado de Romaria, como o terno de São Benedito, variam de cor, diferente do que acontece em Monte Carmelo, onde por tradição, as cores sempre se repetem. Não é possível saber ao certo se esse terno de Romaria altera as cores todo ano por cultura ou apenas por vaidade. Destaca-se também o fato de que existem muitos

jovens e crianças incluídas nesse terno. Inclusive, a maioria são jovens e adolescentes, o que é surpreendente. Assim também como tem sido o de Monte Carmelo.

CONCLUSÃO

Para finalizar meu trabalho, quero ressaltar o quanto é enriquecedor trabalhar com história oral, mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas durante a pesquisa, não tanto no que tange às bibliografias, mas principalmente às fontes.

Lidar com esses trabalhadores citados até aqui foi muito importante para enriquecer meu olhar sobre a cidade de Monte Carmelo, assim como foi a Dissertação de Mestrado de Antônio de Pádua Bosi, mostrando o quanto é sofredora a vida de diversos trabalhadores que ganham seu pão através de seu suor. Porém, tentei abordar meu tema assim como fez Yanglely Adriano Marinho, que acompanhou de perto o trabalhador negro na cidade de Itumbiara, GO citado na introdução desse meu trabalho.

As entrevistas foram meu principal eixo de apoio para desenvolver todo o trabalho como nos Capítulos I e II. Através delas fiquei mais próximo da história de vida de diversos trabalhadores, percebendo que a cidade ainda não desenvolveu seus aspectos econômicos plenamente, sendo ainda presa ao coronelismo, como foi percebido em minhas entrevistas. Além de não contar com grandes indústrias, áreas de lazer, também cheguei à conclusão de que para conseguir um emprego a pessoa precisa ter laços de amizade, ou seja, ser indicada a um emprego e quando conseguem, as jornadas de trabalho são exaustivas frente ao salário pago.

Também percebo que a cidade nos anos 1960 tinha muitas indústrias, como me foi relatado nas entrevistas, e se for comparar com o ano 2015 resta apenas poucas cerâmicas. Analisando a conclusão do livro de Airton Veloso de Matos percebo que a cidade teve muitas perdas, como a fábrica de balas entre várias outras. “Na década de 60 chegamos a ter várias fábricas: duas de calçados de bom porte, uma de guaraná, duas de macarrão, uma de balinhas que se juntavam ao progressista parque cerâmico, à cafeicultura e tantos outros sinais de progresso”³².

Como percebo a cidade não oferece muita oferta de emprego, mas mesmo assim esses congadeiros não desistem de ter uma cidade melhor e de qualidade de vida, me fazendo lembrar o livro de Matos que diz que muitas empresas e clubes que existiram resta apenas a memória dos carmelitanos.

“Hoje, enquanto os anos se escoam, ficamos restritos aos ecos de um passado que ficou gravado em nossa mente. Que esses registros possam pavimentar a trajetória das gerações porvindouras para que, o seu turno, enalteçam o chão

³² MATOS, Airton Veloso de. Monte Carmelo uma página das Gerais. 2013. p. 381

carmelitano com a reverência devida ao lar, ao ninho, ao abrigo, à fonte, ao ponto de partida do vôo de cada um em direção à prosperidade e harmonia almejada por toda comunidade.”³³

³³ MATOS, Airton Veloso de. Monte Carmelo uma página das Gerais. 2013. p. 382.

ANEXOS

Figura

Figura 1 – Cruzeiro do Galo



FONTE: Casa da Cultura de Monte Carmelo, 2013.

Figura 2 - Conjunto de Romaria São Benedito.



FONTE: Elaborada pelo autor, 2013.

Cortejo de Congado

A PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE CARMELO ATRAVÉS DA CASA DA CULTURA, TEM O PRAZER DE CONVIDÁ-LOS PARA PARTICIPAREM DA FESTIVIDADE EM HOMENAGEM À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO, JUNTAMENTE COM CORTEJO DOS GRUPOS DE CONGADO DE MONTE CARMELO.

28 de Setembro 2014
Igreja Nossa Senhora do Rosário

Programação

- 7h** - Café da Manhã para Foliões
Casa da Cultura
- 9h - 11h** - Missa Cantada
Igreja Nossa Senhora do Rosário
- 11h - 13h** - Almoço para Foliões
Casa da Cultura
- 13:30h** - Apresentação dos Grupos de Congo
Igreja Nossa Senhora do Rosário
- 17h** - Encerramento
- 05 de Outubro-18h** - Procissão
Igreja Nossa Senhora do Rosário

Realização

Casa da Cultura
MONTE CARMELO - MG

PREFEITURA MUNICIPAL DE
MONTE CARMELO
CIDADE DE TODOS



Figura 3 – Cronograma do cortejo do Congado

FONTE: Casa da Cultura e Prefeitura de Monte Carmelo, 2014.

FIGURA 4 Café da manhã



FONTE: Casa da Cultura e Prefeitura de Monte Carmelo, 2013.

Figura 5- Conjunto marinho



FONTE: Casa da Cultura e Prefeitura de Monte Carmelo, 2013.

Entrevistas

José Generoso De Souza

Elena Dias De Souza

Lucia Helena Campos

João Paulo Da Silva Campos

Jean Carlos Dos Santos

Rodrigo Oliveira Da Silva

Henrique Generoso De Souza

Patrícia Anísia De Souza

Vitória Anísia De Souza

Verenice Jacy

Anísio Miguel Dos Santos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Antônio de Pádua. **Os “Sem Gabaritos”: Experiência de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/ MG nas décadas de 1970/1980**. 1ª. ed. Cascavel: Edunioeste, 2000.

BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do Congado [manuscrito]: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955- 2011)**.

Disponível em: http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4370

Acesso em: 12/02/2014

FREI, Chico. **Congado origens e identidades**. Disponível em:

<http://www.festejo.art.br/arquivos/Frei%20Chico%20->

[20Congado,%20origens%20e%20identidade.pdf](http://www.festejo.art.br/arquivos/Frei%20Chico%20-20Congado,%20origens%20e%20identidade.pdf). Acesso em: 06/06/2014

FENELON, Déa Ribeiro. “O Historiador E A Cultura Popular: História De Classe ou História Do Povo?” **História e Perspectivas**. Uberlândia, n. 40, p.27-51, jan-jun, 2009.

Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19207/10344> Acesso

em: 29/05/2014.

LUCAS, Glaura. **Os Sons Do Rosário: O Congado Mineiro dos Artudos e Jatobá**.

Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2002.

MARINHO, Adriano, Yanglely. **“É uma Experiência Dos Pobres...” Trajetórias De Trabalhadores Negros Na Cidade De Itumbiara-GO (1980-2010)**. Disponível em: http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3543 Acesso em: 05/11/2013

MATOS, Airton Veloso de. **Monte Carmelo, Uma página das Gerais**. Monte Carmelo. 2013.

OLVIERA, Sandra Ramos de. **“Léxico, Cultura, Tradição E Modernidade- Um Retrato Sociolinguístico Do Congado Montes- Clareense”**. Disponível em: http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2569 Acesso em: 10/02/2014.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. **Tempo**. Rio de Janeiro, n. 2, dez./1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf Acesso em: 06/06/2014.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso em: 06/06/2014.

RUBIÃO, Fernanda Pires. **Os Negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009)**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1374.pdf> Acesso em: 06/06/2014.

VIEIRA, Maria do Pilar etalli. **A pesquisa em história**. São Paulo. 1989.

FONTES

BRASIL. **Lei n. 4.320 de 17 de março de 1964**.

BRASIL. **Lei n. 7.505 de 2 de julho de 1986**.

BRASIL. **Lei n. 8.313 de 23 de dezembro de 1991**.

BRASIL. **Lei n. 10.257 de 10 de julho de 2001**.

Figura 1 – CASA DA CULTURA. Secretaria Municipal de Cultura de Monte Carmelo. **Cruzeiro Do Galo**. 2013.

Figura 2 – CASA DA CULTURA. Secretaria Municipal de Cultura de Monte Carmelo. **Conjunto de Romaria São Benedito**. 2013

Figura 3-CASA DA CULTURA. Secretaria Municipal de Cultura de Monte Carmelo. **Cronograma do Cortejo do Congado**. 2014.

Figura 4- CASA DA CULTURA. Secretaria Municipal de Cultura de Monte Carmelo. **Café da Manhã**. 2013.

Figura 5- CASA DA CULTURA. Secretaria Municipal de Cultura de Monte Carmelo.

Conjunto Marinheiro. 2013

GUIMARÃES, Edelfina Aparecida. MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. MACHADO, Marília Palhares. (Orgs). **Fundo Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural: Importância, Criação e Gestão.** Governo de Minas Gerais. Disponível em: [http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/wp-](http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/wp-content/themes/achmg/files/Cartilha%20FUMPAC.pdf)

[content/themes/achmg/files/Cartilha%20FUMPAC.pdf](http://www.cidadeshistoricasdeminas.com.br/wp-content/themes/achmg/files/Cartilha%20FUMPAC.pdf). Acesso em: 25/06/2015.

OLIVEIRA, Álvaro José Gomes. **Entrevista realizada na Casa da Cultura de Monte Carmelo:** depoimento. [04 de maio de 2015] Monte Carmelo, MG. Entrevista concedida a Murilo Sousa Oliveira.